

Como e quando descongelar

por George Vidor
do Rio

O ex-ministro Mário Henrique Simonsen disse ontem que assim como o governo nunca pode anunciar previamente quando será feito um congelamento de preços, não pode também marcar uma data para descongelá-los. "Creio que antes de se chegar à liberação, entraremos em uma fase intermediária, de controle, onde alguns preços serão ajustados para cima para baixo. Em nenhuma hipótese, porém, o descongelamento pode ocorrer em um momento de aquecimento da economia", ponderou o professor.

Durante o seminário da Sul-América e do Jornal do Brasil sobre políticas de combate à inflação, dirigido por Simonsen, o economista alemão Rudger Dornbunch também fez uma proposta de liberalização dos preços: "Na passagem do congelamento para o descongelamento, o Brasil pode adotar um sistema de controle, semelhante aos 'prices boards', que funcionaram de 1970 a 1974 nos Estados Unidos, e a quem cabia julgar os desequilíbrios mais graves. Esses 'prices boards' tomavam decisões a partir de auditorias compulsórias feitas por eles nas empresas".

O professor Simonsen, por sua vez, argumentou que o descongelamento terá de ser analisado caso a caso e a mais poderá ser praticado de uma só vez. Ele disse que o governo terá condições de aferir se o aquecimento atual da economia é um fenômeno temporário, decorrente do programa de estabilização e do

fato de alguns preços relativos terem sido congelados em níveis baixos, ou se é um fenômeno definitivo. "Se for definitivo, as autoridades terão como agir através da política monetária, reduzindo a velocidade de remonetização da economia. Se, ao contrário, estiver havendo recessão, a remonetização poderá ser acelerada. As importações devem ser usadas como fatores de equilíbrio, mas não se pode contar com elas a curto prazo, pois levam tempo para atingir ao mercado".

Os números de expansão monetária e do déficit público de março, segundo Simonsen, não devem ser vistos isoladamente, mas dentro de um contexto mais amplo. "Eu gostaria de ver como ficou o orçamento em cruzados, para fazer uma avaliação melhor". Quanto à questão dos juros, o professor ressaltou que a fuga dos ativos financeiros só irá provocar uma alta nas taxas. "Aconselho o governo a fazer uma campanha mostrando que a caderneta de poupança ou o CDB rendem hoje exatamente a mesma coisa que antes. No caso da caderneta, com a vantagem de que agora não existe mais aquele problema de eventualmente, a correção monetária ficar abaixo da inflação. O público ficou com a ilusão monetária de que ganhava alguma coisa com a correção. E agora precisamos mostrar que não."

Simonsen disse que, no Brasil, as cadernetas pagam 6% após o Imposto de Renda, enquanto nos países de economia mais forte, os investidores estão recebendo 6% antes do Imposto de Renda, o que dá de 3% a 4% ao ano líquidos.